

## Documentação museológica: experimental para formar

### Museum Documentation: experiment to form

Noris Mara Pacheco Martins Leal<sup>1</sup>  
DOI 10.26512/museologia.v11iEspecial.43158

#### Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar a experiência de ensino da disciplina de Documentação Museológica, percorrendo as suas transformações ao longo dos quinze anos de atuação do Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Dando especial atenção aos projetos de ensino e de extensão desenvolvidos para complementação da formação teórica dos alunos e que lhes dão a oportunidade de experimentar durante a graduação os desafios da profissão, com especial atenção para a gestão de acervos. Para relatar essa experiência foram escolhidos três projetos em museus universitários, os quais foram definidos para o relato pelo grau de dificuldade e de atuação dos discentes sendo eles o Museu das Telecomunicações, o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo e o Museu do Doce da UFPel.

#### Palavras-chave

Documentação Museológica; Acervos; Museus Universitários; Ensino.

#### Abstract

This article aims to describe the experience of teaching the discipline of Museological Documentation, covering its transformations over the fifteen years of the bachelor's degree in Museology at the Universidade Federal de Pelotas. We gave special attention to teaching and extension projects developed to complement the theoretical training of students, and which give them the opportunity to experience the challenges of the profession during in graduation, with special attention to the management of collections. To report this experience, three projects in university museums were chosen, which were defined for the report by the degree of difficulty and performance of the students, namely the Museu das Telecomunicações, the Museu de arte Leopoldo Gotuzzo e the Museu do Doce da UFPel.

#### Keywords

Museological Documentation; Collections; University Museums; Teaching.

Este artigo apresenta a experiência do Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas, o qual completou, em 2021, quinze anos de existência, com o ensino de documentação museológica. A cidade, sede da universidade, localiza-se na região sul do Rio Grande do Sul, está a 260 quilômetros da capital do estado, Porto Alegre, com uma população de estimada pelo IBGE, em 2021, de 343.826.<sup>2</sup> Reconhecida hoje em todo o país como a capital nacional do doce e pela sua grande importância econômica e política que teve no final do século XIX e início do XX, baseada na indústria do charque, que lhe trouxe hábitos e costumes ligados à opulência econômica e social que deixou como legado um patrimônio arquitetônico eclético, com muitos bens tombados pelo

1 Possui graduação em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1991), especialização em museologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2003), mestrado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2007) e Doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural Universidade Federal de Pelotas (2019). Atualmente é Professora Adjunta do Bacharelado em Museologias da UFPEL, coordena o Laboratório de Documentação do curso, onde são desenvolvidos projetos de ensino, pesquisa e extensão nos diferentes acervos da universidade e da região.

2 Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/pelotas.html>.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e estadual (Iphae). Se no passado a produção do charque mantinha a economia local, hoje é considerada uma cidade de serviços e universitária, onde se destaca a Universidade Federal de Pelotas, Universidade Católica e o Instituto Federal Sul Riograndense.

A UFPel criada em 1969, após a união de cursos pré-existentes na cidade como a Faculdade de Direito, de Medicina, de Odontologia, vem ao longo dos anos atuando para a formação da população, principalmente, da Região Sul do estado. A partir de 2007, com a adesão ao programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), desenvolvido pelo Ministério da Educação, a sua expansão foi acelerada tanto em número de alunos, como em atividades acadêmicas e na reestruturação de sua infraestrutura. O Bacharelado em Museologia é criado, antes do Reuni. A sua criação veio como uma resposta a Política Nacional de Museus, desenvolvida a partir de 2003, na gestão do Ministro da Cultura Gilberto Gil, que entendia a importância de valorizar a formação de profissionais para atuarem nas instituições. Até aquele momento, o Brasil possuía apenas dois cursos de graduação em Museologia.

Assim como o cenário nacional era propício, existia uma série de fatores regionais que impulsionavam o Rio Grande do Sul (RS) como polo de discussões sobre o campo museal. A partir de 1999, houve uma grande mobilização do setor museológico, governo e trabalhadores da área que buscavam alcançar os objetivos listados no regimento do Sistema Estadual de Museus (SEM/RS), sendo um deles o de desenvolver planos de assistência técnica e promover atividades formativas. As intenções dos trabalhadores de museus das Sete Regiões Museológicas do SEM/RS se coloca muito fortemente no 8º Fórum Estadual de Museus, realizado em 2002, no qual como documento final é produzida a Carta de Rio Grande, dirigida aos candidatos ao governo do estado e a presidência da república, nas eleições daquele ano, sendo uma das seis demandas pautadas: uma política de capacitação e formação onde se solicita a “Criação de Programas de Capacitação para técnicos do setor, com a ampliação da oferta de cursos de graduação, pós-graduação, oficinas e cursos de aperfeiçoamento nas diversas áreas de atuação dos museus” (SEM, 2002: 15).

Com a eleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, e a organização no Instituto do Patrimônio Histórico Nacional de um departamento responsável pela política para museus no Brasil, o Departamento de Museus e Centros Culturais (Demu/Iphan), o campo é preparado para que as demandas comecem a sair dos documentos e tornarem-se realidade. Segundo José do Nascimento Júnior, primeiro coordenador do Demu e depois presidente do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), os cursos foram fundamentais para consolidar a política que estava sendo construída.

Os cursos foram fundamentais. Houve um ano em que o Ibram fez mais de 300 oficinas. Naquele momento surgia o Reuni, como política do MEC. Então tive a ideia de procurar o MEC, a SESu e pedi para falar na ANDIFES, na reunião dos reitores em São João del Rey. Estabeleci a seguinte estratégia: em uma apresentação mostrei aos reitores o tamanho da demanda que se tinha nas oficinas em cada estado e disse que a nossa parte era uma qualificação pontual e que este público desejava um ensino continuado e uma formação geral. Nós continuaríamos fazendo as oficinas, mas não poderíamos atender aquelas pessoas que desejavam um ensino continuado. Com apenas dois cursos de Museologia no País, não se dava conta daquela demanda. A partir daí, houve o interesse por parte dos reitores em agregar a museologia. Vários nos procuraram para ter mais informação e conhecer os projetos que se tinha, então. (MICHELON; LEAL, 2014: 17)

O então reitor da UFPel, Antônio César Borges, provocado não só pela proposta nacional, mas com grande intensidade pela proposta realizada pelo Prof Wilson Miranda, lotado no Centro de Artes da universidade, diretor do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo – MALG, na época, e acumulando a função, voluntária, de coordenador da 7ª Região Museológica do Sistema Estadual de Museus do RS, encampou a proposta de criação de um curso de Museologia.

Aqui, no Rio Grande do Sul, era todo mundo a dizer eu acho isso, eu acho aquilo, todo mundo dando uma de que sabia, e eu convivendo com esse problema [...] e fui vendo que o que faltava era um profissional, faltava uma pessoa que realmente pudesse fazer alguma coisa pelos museus. Sempre vi a Museologia como uma coisa assim, muito ajustada dentro da Universidade, porque é muito ampla, e olhando para a Universidade eu via que podia fazer o Curso, porque tinha a área de Zoologia, a área de Arte, a área de História, a área de Geografia, tinha de tudo aqui, então era só sensibilizar as pessoas. E a história é isso, e hoje eu vejo, olhando o Curso, que nós não estávamos errados, que a cidade e a região se beneficiaram e o Brasil também, vou ser bem pretensioso, acho que a nossa atitude precipitou no Brasil todo, a acelerarem a criação de outros Cursos de Museologia em outros Estados. (MIRANDA, 2021).

O curso de Bacharelado em Museologia da UFPel começa a funcionar no segundo semestre de 2006, com uma grade curricular baseada na análise dos dois cursos federais existentes no país, o da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e o da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), e com a escuta dos trabalhadores em museus do RS. Através de observações e reflexões sobre os desafios atuais do trabalhador em museus, sobre o papel que exerçam os museus na sua relação com a sociedade em que está, sobre as novas expressões que essas instituições adquiriram, que foi desenvolvida a grade curricular.

### **Documentação Museológica para quê?**

A primeira grade do curso possuía no terceiro semestre curricular a disciplina de Documentação Museológica, que acontecia no segundo semestre de cada ano, com 68 horas semestrais, divididas entre teóricas e práticas, tendo como ementa o trabalho com museus e documentação do patrimônio integral: sistemas de documentação/informação, tesauroização. Formação, registro, classificação, catalogação, inventário de coleções. Manipulação de coleções. Inventário ambiental.

Esta primeira ementa, bastante básica, definia apenas alguns conceitos que deveriam ser trabalhados com os alunos, só mais tarde que foram acrescentados a esta os objetivos que se desejava atingir com a disciplina: 1) Capacitar o aluno a ter uma visão crítica sobre a atividade de documentação em museus; 2) refletir sobre o papel da documentação museológica para a preservação do patrimônio cultural; 3) Discutir e analisar os sistemas documentais existentes e 4) Discutir e analisar propostas de projetos, a partir do referencial teórico e das experiências apresentadas. Aos poucos a coordenação do curso foi percebendo, junto com docentes, que era impossível trabalhar documentação museológica parte teórica e prática em apenas um semestre então foi destinada uma disciplina de ementa geral para que se desenvolvesse as atividades práticas, denominada Práticas em Museus I, que tinha por objetivos iniciar a introduzir o discente nas atividades em museus ou espaços correlatos. Com este subterfúgio conseguimos, sem alterar o Projeto Pedagógico de Curso (PPC), naquele momento,

começar as ações em acervos, as quais extrapolaram as horas da disciplina e se transformaram em projetos de ensino para a documentação de diferentes acervos da Universidade, os quais serão tratados mais adiante.

Com a reformulação do PPC, em 2016, foi incorporada a grade do curso as disciplinas de Documentação Museológica I e II, fazendo a correção necessária ao andamento da proposta pedagógica do curso e de seu trabalho com a comunidade interna e externa. Com uma ementa que reflete o trabalho realizado até então no desenvolvimento da disciplina, preocupada principalmente em tornar acessível a todos o conteúdo produzido sobre cada um dos objetos, que são fontes de informação. Entendendo, ainda que a documentação museológica é a base essencial para o bom funcionamento de todos os outros setores de uma instituição museológica; e que através da pesquisa sobre os objetos se torna possível a produção e a difusão do conhecimento a partir deles e com eles, proporcionando o aprofundamento da função educativa dos museus.

Essa mudança visou, principalmente, que o profissional formado na Museologia da UFPel seja capaz de atuar em prol da acessibilidade democrática em relação aos conhecimentos desenvolvidos no ambiente acadêmico, de forma que a comunidade participe ativamente no processo de construção e extroversão dos conhecimentos.

Para sediar os projetos e ações de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidos no âmbito das disciplinas foi organizado o Laboratório de Documentação Museológica (Lab Doc Muse) em 2012, o qual oferece suporte de infraestrutura para as reuniões e aulas práticas, assim como para o planejamento das atividades com parceiros internos e externos da universidade.

## Documentar para descobrir

Todas as atividades desenvolvidas para a disciplina de documentação museológica tiveram como base a situação das instituições museológicas do RS e da região de Pelotas, esta experiência em relação ao levantamento das necessidades foi proporcionada pelo trabalho do SEM-RS e a coordenação das regiões museológicas que ao longo do tempo levantaram as demandas das instituições gaúchas. A carta de Rio Grande (2002) já enfatizava a necessidade da criação de políticas de documentação para os acervos, assim como a constante demanda de oficinas e cursos de curta duração com o tema de organização dos acervos. uma instituição de ensino pública necessitava dar essa resposta para a comunidade.

O campo de atuação para os discentes e museólogos em Pelotas é profícuo, a cidade é eixo central de uma região, na metade sul do estado, com municípios de relevância histórica tais como Piratini, Bagé, Jaguarão, São José do Norte, São Lourenço e Rio Grande. Todos estes municípios possuem reconhecidos conjuntos de bens culturais de natureza arquitetônica, expressões culturais e acervos dispostos nos seus museus que lhes dão maior visibilidade. Portanto para as atividades práticas e aprendizados em campo não havia a necessidade de um distanciamento muito grande da sede da universidade, assim como a própria cidade de Pelotas que possui um conjunto de bens materiais e imateriais reconhecidos não só localmente como no território nacional.

Com esta potencialidade e tendo em conta que o PPC define como objetivo a formação de um museólogo comprometido com a construção do conhecimento, atento e sensível ao trabalho com valor social, e que possa desenvolver uma prática refletida na teoria (MUSEOLOGIA/UFPel, 2016: 07) os

discentes participam de projetos, principalmente, de ensino e extensão desde o primeiro semestre.

Em relação aos projetos de documentação eles acontecem tanto nos acervos externos à universidade como nos museus e acervos universitários. Podemos citar uma série de projetos desenvolvidos ao longo dos quinze anos de existência do Bacharelado em Museologia. Das parcerias externas, é possível ressaltar o de organização da reserva técnica e da documentação do Museu Municipal Parque da Baronesa, em 2006, com a participação de alunos da primeira turma; Acervo da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, em 2009, com alunas da quarta turma; Museu do Colégio Municipal Pelotense, em 2009, com a participação de alunas da primeira e terceira turma; Museu Municipal de São Lourenço do Sul, em 2010, com alunos da segunda turma; Museu da Cidade de Rio Grande, em 2010, com aluna da segunda turma; Museu Divino Alziro Beckel – Camaquã, em 2011, com alunas da segunda e da quarta turma; Acervo do Clube Cultural Fica Ahy, em 2012, com alunos da quinta e sexta turma.

Nem todos esses projetos tinham como objetivo principal a organização da documentação museológica, em alguns foi a decorrência de outros estudos que acabaram demandando o registro ou o diagnóstico da questão documental nas instituições, estes, ainda serviram para o trabalho interdisciplinar envolvendo outros cursos como História, Antropologia e Conservação e Restauração, fortalecendo a formação dos discentes, tendo em vista que estes já podiam experienciar a discussão com outras áreas do conhecimento, proporcionando uma troca profícua de saberes.

Desta forma, também reforçávamos um dos pontos principais do PPC (2020), que através de conhecimentos que se balizam em pilares técnico-científicos e humanísticos, os profissionais formados pelo Curso poderão atuar em diversos tipos de museus — de história, de arte, de etnologia e arqueologia, de ciências, ecomuseus, museus de comunidade, entre outros.

Com o desenvolvimento do curso, a preocupação com a organização das coleções da universidade aumentou, principalmente, por ser a UFPel uma instituição que possui em um único departamento os cursos de graduação em Museologia e o de Conservação em Restauração, além de um pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, todos com uma mesma vertente que é preocupação com a preservação do patrimônio cultural gaúcho e brasileiro. Em 2006, a UFPel possuía dois museus o Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter (MCNCR), de 1970, e o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG), de 1986; hoje, fazem parte da Rede de Museus da UFPel, criada em 2017, 22 instituições entre instituições museológicas com espaço físico, museus virtuais, memoriais, coleções, processos e projetos museológicos o que demonstra o crescimento e o reconhecimento de manutenção das coleções universitárias. Dentro desta perspectiva a equipe de docentes e discentes do Laboratório de Documentação voltaram os seus olhos para estes acervos, o primeiro projeto de ensino organizado foi o de higienização e catalogação do acervo em suporte papel do Museu das Telecomunicações, em 2011, em parceria com o Bacharelado em Conservação e Restauo, com participação de docentes e discentes dos dois cursos.

Este acervo que está em comodato no Instituto de Ciências Humanas, desde 2003, pertencia ao Museu do Telefone da Companhia Telefônica Melhoramentos e Resistência (CTMR), a qual era responsável pelo serviço de telefonia de Pelotas e região. Com a privatização das empresas de telecomunicações no Brasil, após oitenta anos de atividade, em 1999, a CTMR foi adquirida pela



Brasil Telecom. No processo de integração do patrimônio, das teles adquiridas pela empresa, estavam os objetos pertencentes ao então chamado “Museu da CTMR”. Ele foi desativado e o acervo foi encaminhado para Brasília. A comunidade local, de forma a impedir a perda deste acervo, liderada pelo Centro de Diretores Lojistas de Pelotas (CDL), se mobilizou, objetivando sua volta para a cidade.

Com o retorno do acervo da CTMR para Pelotas, equipes da universidade começaram a trabalhar em algumas linhas de pesquisa, principalmente, com a coleta de depoimentos de antigos servidores da empresa e busca de um local para a localização do acervo e exposições temporárias. Com as mudanças na gestão da universidade houve um interregno nestes trabalhos, entre 2007 e 2011, principalmente pela falta de espaço adequado para ele ser trabalhado, a situação mudou quando parte do acervo foi transferido para o prédio do curso de Museologia, permitindo novas possibilidades de intervenções.

A proposta inicial foi realizar a conservação e a catalogação do acervo em suporte papel pertencente ao Museu das Telecomunicações. A primeira fase do projeto foi a de higienização realizada no Laboratório de Conservação e Restauração de Papel, pelos discentes desse curso. A segunda fase do trabalho foi a de catalogação do acervo que, é realizada pelos alunos do Bacharelado em Museologia, tanto no projeto de ensino quanto na disciplina de Documentação Museológica II. Com algumas interrupções ao longo do tempo, se mantém até os dias atuais, da primeira ação em relação ao acervo em papel, foi sendo renovado o projeto e abarcando outros tipos de materiais, que atualmente encontra-se todo na sede dos cursos, permitindo essa ampliação de ações.

**Figura 1 - Preenchimento de ficha catalográfica do Museu das telecomunicações por discente do Bacharelado em Museologia. - 2012**



Fonte: Acervo do Laboratório de Documentação.

Hoje, com o trabalho bastante avançado com esse acervo, foi possível durante todo o período da pandemia desenvolver ações de comunicação sobre a história da CTMR. Com a suspensão das atividades presenciais na universidade, devido ao isolamento social, o trabalho sofreu uma reformulação e todas as metodologias realizadas anteriormente, adaptaram-se para o meio virtual. Desta

forma, foram realizadas atividades, como revisão da ficha catalográfica, realização do manual de rotinas do sistema de documentação museológica, preparação das informações para a digitalização delas, usando como repositório o Tainacan e criação de um site<sup>3</sup> para a divulgação do acervo. Desta forma, leva-se ao público, através das redes sociais e do site do Museu, exposições virtuais como por exemplo: “Vozes femininas na CTMR” e “Trabalhadores da CTMR” nestas duas mostras são utilizadas o acervo fotográfico e as entrevistas realizadas num projeto de pesquisa anterior a 2007.

Na esteira deste projeto de ensino, a parceria com o Bacharelado em Conservação e Restauração, também, aconteceu no projeto de Organização da Reserva técnica e da documentação museológica do MALG, iniciado em 2012, este foi um desafio diferenciado, por ser um museu em pleno funcionamento desde 1986, onde já tinham passado várias equipes de trabalho e diferentes tentativas de organização de documentação do acervo, todas incompletas, e necessitava de realização de diagnóstico do que já havia sido realizado, além de uma garimpagem destes documentos que estavam dispersos pelos setores da instituição. Para os discentes foi uma experiência muito importante, tendo em vista que participaram de todas as fases do trabalho desde a etapa de diagnóstico da situação da reserva técnica e do acervo, até o planejamento de um novo sistema documental, o qual teve o seu início organizado por equipes dos dois cursos, dando suporte técnico para a equipe do principal museu de arte da Região Sul do Rio Grande do Sul, que, no entanto, não possuía museólogos ou conservadores/restauradores.

Ao contrário do projeto realizado com o Museu das Telecomunicações, este trabalho foi realizado em conjunto pelos professores e discentes, dos dois cursos, na reserva técnica do museu, ao mesmo tempo (figura 2). O trabalho dividiu-se em duas etapas, a primeira a identificação do acervo existente no museu, que foi subdividida em três módulos: levantamento do acervo, identificação das obras e o diagnóstico. Com a primeira etapa concluída, iniciou-se a segunda etapa que foi o processo de catalogação. Somente através de um estudo preliminar foi possível desenvolver as ferramentas (ficha catalográfica, livros de tomo e de empréstimos e banco de dados) utilizadas nas etapas posteriores. Este processo contribuiu para a organização e sistematização do acervo, possibilitando o controle deste, diagnóstico de problemas e informações padronizadas para acesso dos usuários da instituição.

3 Disponível em: <https://acervosvirtuais.ufpel.edu.br/museudatelecomunicacoes/>.

Figura 2 - Discente da Conservação e Restauração, acompanhada do restaurador Fabio Galli, fazendo diagnóstico de uma obra, enquanto discente da Museologia preenche a ficha catalográfica.



Fonte: Acervo Laboratório de Documentação, 2011.

Este projeto se manteve até o momento de reformulação da equipe do MALG, que passou a contar com uma museóloga e um conservador/restaurador e deram continuidade ao trabalho desenvolvido até então, essas contratações foram resultado das atividades desenvolvidas e do diagnóstico realizado pelas professoras envolvidas nos trabalhos a partir de solicitação da direção do museu, ou seja, esse projeto, além de reformular o sistema de documentação do acervo, de promover ações de conservação, possibilitou a reformulação da equipe e a valorização dos profissionais das duas áreas.

O terceiro projeto é a Organização da documentação museológica do Museu do Doce da UFPel (MDU), o qual visa a organização de um sistema documental para a instituição, sendo desenvolvidos todos os processos necessários para garantir a organização das informações sobre os objetos que compõem o acervo. Além disso, realiza o acondicionamento dos objetos na reserva técnica de forma adequada. Esta instituição é bastante recente, foi criado em 2011 através de uma portaria do reitor, e a sua inauguração aconteceu somente em 2013, devido ao prédio em que é sediado ter passado por um processo de restauro de grandes proporções, que foi finalizado em maio do referido ano.

Para o ensino, este acervo tem alguns diferenciais, primeiro tem uma constituição bastante recente, os primeiros objetos foram recebidos a partir de 2014 e de forma mais regular só a partir de 2016, portanto, o processo de documentação, das primeiras doações, estava muito incipiente quando o projeto foi iniciado, basicamente existia somente os documentos de posse dos objetos, o que é um dos pontos positivos do trabalho, pois não era o caso de substituição do sistema de documentação, mas sim de criação. Segundo é que ele é um museu universitário, mas teve a sua organização iniciada por um segmento comunidade doceira da cidade, que é considerada a Capital Nacional do Doce, com isso o Museu do Doce transpõe a classificação de museu universitário, assumindo o

ISSN 2238-5436



caráter de museu local, tendo em vista sua relação direta com a memória local, atrelada à tradição doceira. E, por fim, o seu acervo são os vestígios materiais do saber fazer doceiro pelotense que foi reconhecido como patrimônio cultural nacional, em 2018, pelo Iphan.

Com acompanhamento constante do museólogo da instituição desenvolvemos todo o planejamento do sistema de documentação da instituição, os documentos que o comporiam, as taxinomias que seriam usadas e, finalmente, a escolha do melhor repositório para armazenamento de todo o conhecimento produzido, permitindo aos discentes a produção de conteúdo a partir do zero, sempre utilizando um processo dialógico, onde todos participavam das definições e ações. Para complementar, todas as atividades propostas no projeto de ensino foram acrescidas a um de projeto de pesquisa e outro de extensão, com a intensão de aprofundar as pesquisas já existentes sobre a tradição doceira da cidade e o outro com um amadurecimento dos alunos, que durante a pandemia não podendo estar junto ao acervo propuseram ações de comunicação sobre o que é a documentação museológica e sobre o trabalho nos bastidores da instituição.

Dentro de uma linha de trabalho que havia iniciado no final de 2019, buscou-se ampliar a comunicação com o público interessado em museus, entendendo que está é uma área das instituições pouco conhecida pela sociedade em geral, e entendendo que cabe aos trabalhadores da área atuar em prol da acessibilidade democrática em relação aos conhecimentos desenvolvidos no ambiente acadêmico, de forma que a comunidade participe ativamente no processo de construção e extroversão dos conhecimentos. Para tal, destaca-se o conceito e prática de comunicação, pois ela pode ser uma forma de garantir o acesso à informação e possibilitar uma horizontalidade do contato entre instituição e público. Foram escolhidas as redes *Facebook* e *Instagram* para essa nova atividade de documentação, primeiro com uma série de lives sobre o que é documentação e como é realizado o trabalho em diferentes instituições museológicas, depois optou-se pelas publicações sobre o acervo que tinha sido trabalhado até então, não só passando informações sobre o que nós sabíamos dos objetos ou tradições doceiras, mas buscando informações com a comunidade para complementar a pesquisa realizada até então (Figura 3).

Figura 3 – Publicação realizada no Instagram do projeto em 2021.



Fonte: Acervo Laboratório de Documentação Museológica, 2021.

As ações junto ao acervo do Museu do Doce como projeto de ensino vêm contribuindo para o aprimoramento das práticas pedagógicas desenvolvidas no Bacharelado em Museologia, proporcionando aos alunos do curso uma nova prática de aprendizado e a possibilidade de desenvolvimento e acompanhamento da organização de um sistema documental. E, para além dos benefícios aos graduandos, o projeto apoia diretamente as atividades da instituição, que possui uma equipe reduzida. A partir destas atividades são salvaguardadas as informações dos objetos do acervo, bem como é maximizado o acesso aos objetos e às informações de cada um dos itens. Com estas etapas completas o museu qualifica a comunicação com o seu público, democratizando o acesso à informação e amplia a pesquisa sobre o saber/fazer doceiro de Pelotas e região.

### **Aprender para documentar**

Como já ressaltado anteriormente, o curso de Museologia da UFPel veio para responder a uma demanda da comunidade, sendo necessário salientar que mais do que dar, está recebendo conhecimento e se reinventando continuamente a partir das relações com os diferentes parceiros e com as necessidades existentes do curso, preparamos os futuros museólogos de forma simbiótica com os saberes existentes garantindo trocas dinâmicas e equitativas de informação e experiências.

Entendendo que o saber se constrói de forma dialógica, toda a construção das práticas educativas das disciplinas de documentação levam em conta o que está estabelecido no projeto pedagógico, em que o profissional museólogo deve estar preparado para a preservação e a salvaguarda do patrimônio cultural da comunidade em que está inserido, identificando-o em todas as suas vertentes seja material ou imaterial de forma que seu conhecimento em constante articulação com a sociedade produzam condições para um desenvolvimento sustentável que promova melhores condições sociais e de inclusão.

Para que estes preceitos se tornem verdadeiros é necessário que já na graduação a efetivação de relações pedagógicas tecidas e tramadas, prioritariamente, entre estudantes-professores, em formação na museologia, tenham a trama social mediatizados pelas demandas do mundo e significados cognitivos, afetivos, éticos, políticos e sociais, o que significa dizer que não basta o conhecimento do conteúdo teórico, é preciso saber como utilizá-lo e a quem serve o conhecimento adquirido.

Por isso, consideramos que as atividades práticas e os projetos de ensino, extensão e pesquisa, importantes espaços de experimentação para todos que neles estão inseridos, além de considerarmos ser estas práticas que exercitam a esperança ou, parafraseando Mario Sergio Cortella, o esperar! Significa dizer, inspiradas no pensador, que esperar é se levantar, esperar é ir atrás, esperar é construir, esperar é não desistir! Esperar é levar adiante, esperar é juntar-se com outros para fazer de outro modo, sobretudo, no que se refere à formação de museólogos, cuja experiência, como colaboradores e/ou bolsistas nos projetos, ultrapassa o número de horas realizadas no estágio obrigatório. Além de ter um caráter diferenciado pelas discussões e reflexões partilhadas entre os estudantes e professores, com isso, é garantido o processo pedagógico que une teoria e prática, permitindo a diminuição da evasão e a opção dos profissionais por atuarem e aprofundarem conhecimentos na área da documentação museológica, deixando de vê-la como uma área menor em relação as ações de comunicação e educação museal.

O resultado destes projetos estão a disposição para os interessados nos mais de 15 Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) com o tema gestão de acervos, assim como em artigos publicados em revistas e anais de eventos em que os alunos participam e publicam o resultado das suas atividades nas disciplinas e projetos, uma outra função das atividades é publicizar o conhecimento adquirido, e preparar pesquisadores para a área.

## Referências

MIRANDA, Wilson Marcelino, Depoimento, In: *O Nosso Lugar: 15 anos do curso de Museologia/UFPeL*, Pelotas: Bacharelado em Museologia, 2021. Disponível em: <https://acervosvirtuais.ufpel.edu.br/expo15anosemuseologia/>. Acesso em: 20/12/2021 às 14:00

MICHELON, Francisca Ferreira, LEAL, Noris Mara Pacheco Martins. Entrevista com José do Nascimento Junior, 17 de setembro de 2014. *Expressa Extensão*, v. 19, n. 2, Pelotas: PREC/UFPeL, 2014, p. 13-19.

Projeto Pedagógico do Bacharelado em Museologia, Museologia UFPeL, Pelotas, 2006 Disponível <https://wp.ufpel.edu.br/museologia/curso/projeto-pedagogico/> acesso em 20/12/2021 às 14:38

Projeto Pedagógico do Bacharelado em Museologia, Museologia UFPeL, Pelotas, 2016 Disponível <https://wp.ufpel.edu.br/museologia/curso/projeto-pedagogico/> acesso em 20/12/2021 às 14:40

Projeto Pedagógico do Bacharelado em Museologia, Museologia UFPeL, Pelotas, 2020 Disponível <https://wp.ufpel.edu.br/museologia/curso/projeto-pedagogico/> acesso em 20/12/2021 às 14:35

Sistema Estadual de Museus, Carta de Rio Grande, In: *Relatório de Gestão 1999 a 2002*, Porto Alegre, SEM/RS, 2002.

Recebido em maio de 2022  
Aprovado em agosto de 2022